



Deparei-me com mais um absurdo do século XXI. Nem Hitchcock imaginou tamanha insensatez.



PÁSSAROS - Do décimo andar do meu novo endereço, vejo uma revoada de andorinhas bailando contra o horizonte, bem perto de mim. A sensação é de encantamento. A leveza dos pássaros emociona, fascina. O primeiro impulso é chegar mais perto daquele bailado. Em meio às divagações e emoções provocadas por tamanha beleza, fui surpreendida por um sinal de alerta. Imediatamente o encantamento foi substituído pelo medo. Seriam, mesmo, esses seres tão fascinantes, emissários de um mal tamanho, capaz de adoecer corpos sadios e fazê-los débeis, frágeis e finalmente condená-los à morte?

ABSURDO DO SÉCULO - Deparei-me com mais um absurdo do século XXI. Pássaros assassinos. Nem Hitchcock imaginou tamanha insensatez. Aves capazes de fazer uma guerra fria contra os homens, transmitindo, silenciosamente, um vírus maldito. Um alienígena mutante, que uma vez instalado no corpo humano, torna-se mais forte e predador.

TEMPOS INDIGNOS - Nesse momento pensei em entrar e fechar a porta. Desejei que aqueles pássaros fossem embora. Senti-me acuada diante de seres que sempre foram a representação da beleza. Tempos malditos esses dois mil anos da era cristã. Tempos indignos da boa convivência, do bom trato, da cortesia e do respeito. Tempos caóticos, que pervertem as leis, as regras e as conquistas da civilidade. Tempos perversos, onde até a natureza está corrompida.

"ESSE PAÍS" - Aqui, no Brasil, o presidente se abstém de assumir o comando, a ponto de referir-se à nação como: "esse País". O pronome "esse" demonstra afastamento e reforça distância. Simbolicamente, essa forma de tratamento, representa um modo de falar do Brasil e dos brasileiros como uma entidade à parte, que não lhe diz respeito. Um presidente que trata o país, para o qual foi eleito governante, como "esse" ou "aquele", não é digno dos votos que o levaram à condição de dirigente. Um presidente, para honrar os votos recebidos, tem de respeitar as regras, as instituições e, acima de tudo, dignificar sua condição com o carinhoso pronome "nosso País", demonstrando magnanimidade, amor à sua sociedade e compromisso com a história e as instituições nacionais.

FORMAÇÃO HUMANÍSTICA - Da mesma forma, os parlamentares, para terem a honra de nos representar, têm de ter decoro, têm de ter, como afirma o professor de Filosofia Política da Unicamp, Roberto Romano, "... formação política e humanística e conhecimento sobre a origem e a essência da democracia".

BANALIZAÇÃO - Não dá mais para aceitar a banalização da nossa história, dos nossos valores e das nossas conquistas. E isso serve para todas as legendas partidárias, todas as instituições e toda a sociedade. O Brasil não começou ontem. Entre erros, acertos, ditaduras e aparelhamento de Estado, passaram-se gerações, e nesse tempo aprendemos que a democracia é a melhor ferramenta disponível para garantir os direitos e a convivência responsável. Portanto, aos que pretendem nos representar no legislativo ou no executivo, saibam que, nós brasileiros estamos fartos de mentiras, farsas, intrigas e corrupção. É sempre bom lembrar que o dia 3 de outubro está logo ali na esquina, a menos de 6 meses e as urnas vão urrar sua indignação.